

REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGA-
GANDA, VIAGENS,
NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V
II SERIE

JULHO 1920
N.º 97

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria)

TELEFONE 2337 CENTRAL

TIRAGEM 7.000 EXEMPLARES



A "REVISTA DE TURISMO,"

NO 5.º ANO DE PUBLICAÇÃO

A *Revista de Turismo* entra, com a publicação do presente numero, no quinto ano da sua existencia.

Não pode haver, para nós simples mortaes, maior gloria e facto de mais legitimo orgulho, do que este, que consagramos com desvanecimento e com intenso jubilo.

A *Revista de Turismo* é o producto d'um ideal. Teve um começo e tem uma finalidade. Não é uma publicação vulgar para passatempo da ociosidade; tampouco é a resultante d'um simples capricho. Ela representa, em toda a sua vida de quatro consecutivos anos, o tributo que impuzémos a nós-mesmo pagar á nossa querida Patria, como obrigação indeclinavel de contribuirmos d'algum modo para a sua felicidade, para o seu bem-estar, para a tornarmos grande, na relação das nossas forças.

Se tal não conseguirmos, não é por falta de vontade, nem porque nos tenhamos poupado a sacrificios — e bastantes teem sido; mas não os contamos. Deixamo-los em remissão dos nossos peccados, para saldo do debito que esteja lançado á nossa conta...

O certo é, porém, que a **Revista de Turismo** entra hoje no seu quinto ano de existencia, cheia do mesmo enthusiasmo que nos animou nas horas em que trabalhámos para a publicação do seu primeiro numero — já lá vão quatro anos! — e ela continuará a ser o exemplo da nossa fé constante, persistente e acrisolada em melhores destinos para este Portugal, tão lindo, tão bom, tão cheio de purezas e de encantos!

A **Revista de Turismo** é a mesma. Apresenta-se com outro aspecto, mais maneiro, talvez mais sympathico, poden-

do ser que por isso desperte maior interesse.

A sua indole, porém, não varia. Orgão unico, defensor da preciosa industria do **Turismo**—d'essa complexa industria que poucos conhecem com propriedade — ela continuará seguindo a linha de conducta que lhe foi traçada ao ser posta em prática a idéa que a creou.

A situação é, porém, diferente, e isso obriga a torná-la mais causticante nas suas apreciações, no simples intuito de alentar energias e nunca de ferir susceptibilidades. Essa attitude será, todavia, pautada pelo que virmos e pelo que se fôr constando nos trabalhos para a organização da defesa e do progresso da causa a que, esforçadamente, nos propuzemos dedicar.

Isto não quer dizer que se torne em publicação de combate. Ela é só pelo Turismo. Apreciações, descripções e noticias.

Eis a synthese ligeira do programa a que obedecemos e que cumpriremos sem hesitações, sem presumpções, mas com os capitaes que temos recolhido.

Até hoje temos recebido provas inequivocas de que não temos andado mal. Esperamos, pois, continuar a merecer essa distincção. Ela nos será conferida por esta boa população de Portugal, a quem pretendemos — simples pretensão — insuflar uma parte da nossa energia e do nosso Patriotismo.

—Seja-nos permitido este pequeno desejo.

A NOSSA CAPA

TENDO a *Revista de Turismo* mudado de formato, não podíamos deixar de escolher para frontespicio um simbolo verdadeiramente patriótico, reflectindo a indole da sua publicação. Assim, solicitámos o valioso concurso do nosso muito prezado colaborador Ribeiro Christino, que gentilmente nos cedeu o primoroso desenho que apresentamos em a capa e que representa uma verdadeira concepção patriótica.

RIBEIRO CHRISTINO

UM simples equivoco, facil de dar-se em quem não é muito versado nos Anaes Artisticos, levou-nos a dar, ao nosso illustre colaborador, sr. Ribeiro Christino, uma cathegoria de que ele se desinveste, na carta seguinte:

... Sr.

Agradecendo muito reconhecido a minha apresentação e louvôr — aliás exagerado — nas columnas do ultimo numero da REVISTA DE TURISMO, peço-vos o favôr de n'ela inserir o seguinte esclarecimento:

Decerto, por confusão, foi-me attribuida, no elogio, entre outras, a qualidade artistica de architecto! Atribuo o equivoco a ter já essa especialidade da grande arte o meu querido filho Luiz Christino da Silva, que acabou ha tempo esse curso, e que como pensionista do Estado vae aperfeiçoar-se n'essa bela arte, em Paris.

Eu, durante dez anos, — 1878 a 1888 — fui porêem xilógrafo ou gravador em madeira, e como tal assignei numerosas chapas de buxo, que foram publicadas no DIARIO ILUSTRADO, no OCIDENTE, na ARTE, entre outras publicações do tempo; merecendo algumas serem premiadas em Exposições de Arte.

Pela publicação d'estas linhas muito grato lhes fica o

De V. etc.

João Ribeiro Christino da Silva.

Lx.ª 9-VII-1920.

Pedimos a Ribeiro Christino que nos releve o engano, o qual, nos deu ensejo para mais uma vez lhe testemunharmos a nossa consideração.



A influencia da arborisação

na industria do Turismo

E' importantissima a influencia da arborisação no turismo.

A atracção para os campos ensombrados, verdadeiros *oasis* nos desertos das charnecas e campinas, exerce uma notavel acção no movimento turista.

As estradas bordadas pela arborisação, dão relêvo á riqueza esthetica regional, cumulativamente com os massiços florestaes despreziosos e com os parques que a arte prepara, valorisando pelo auxilio da sciencia as mais belas paysagens naturaes.

Essas arterias, que vão ligar-se ás estradas municipaes e caminhos aldeões, conduzem o viandante e o turista sob uma protectôra abobada de verdura, iluminada pelas claridades indecisas da luz que se polarisa por entre a folhagem e rompe aqui e além em pequenos pontos, a estrelar o claro-escuro da mimosa alfombra, levando-os até ao recondito, misterioso ou abrupto, dos sitios mais pitorescos pela sua feição florestal ou agreste. Ahi no silencio da floresta, apenas cortado pelo murmurio das fontes, pelo gemer dos ramos que se contactam ou agitam pelo vento, pelo gorgueio das aves canoras, e pelo ruido alacre dos insectos que esvoaçam ou quiétam em apêlos amorosos, descansa agradavelmente o viandante ou o turista, deliciando-se na contemplação da paysagem e no regresso ao naturismo. Longe do bulicio enervante e exgotante dos grandes centros, a

sua atenção prende-se nos pequenos *nadas*, que no seu conjuncto constituem porém o grande poêma da Natureza. Ahi surprehende o mysterio da fecundação da flôr, a fim de perpetuar o vegetal, e assiste ás nupcias dos insectos e das aves que se buscam no afan da conservação das especies. Tudo convida á meditação e ao amor; esquecem-se os odios; apagam-se os cuidados; vive-se ali o sonho do mysticismo. Aprende-se o respeito á infancia, á virilidade e á velhice, á terra planta que desabrolha para a vida, ao possante vegetal na fôrça do seu maior desenvolvimento, á vetusta arvore que se aproxima do termo da sua gloriosa jornada de protecção e abrigo. A grande generosidade da Natureza contagia-se á creatura, torna-a simples, sincera e bemfaseja. D'esse momento sagrado por notavel grandeza psicologica, aspira-se guardar recordação, pelo que o viandante ou o turista procura obter as especialidades das pequenas industrias caseiras regionaes, não questionando pelo valor intrinseco. Promove assim, sem mesmo se aperceber, o amor e fixação á terra dos seus naturaes, que se convencem que o seu paiz é belo, e que d'essa beleza lhes provirá sempre a facilidade da remuneração do seu trabalho. As riquezas naturaes da caça e da pesca nas aguas interiores, são valorisadas como mimos culinarios, em que ocupam lugar de destaque, a perdid, a codorniz, a narceja, a galinhola,

o coelho, a lebre, a truta das aguas frescas e batidas, a carpa das aguas tranquilas e mesmo pouco renovadas; o salmão e a lampreia, que visitam em determinadas épocas alguns dos nossos rios.

Grandes são, como se vê, as vantagens do fomento do turismo em Portugal. Não descuremos pois da propaganda, que nos cabe como missionarios da idéa. Ao poder central, aos corpos administrativos e ás sociedades locais do turismo pertence a execução.

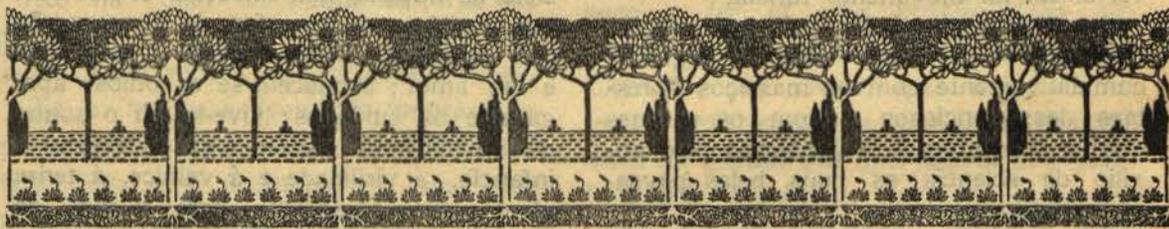
Rasguem-se novas estradas proprias ao automobilismo; completem-se e conservem-se bem as existencias, modificando-as por pequenas variantes a fim de diminuir o numero e o apertado das curvas; arborisem-se as estradas, as nossas elegantes montanhas e a nossa atrahente e longa costa de lindo azul; povoem-se

os rios, ribeiras e lagôas; defenda-se a caça e as aves uteis; instrua-se e eduque-se o povo das aldeias; formem-se parques nacionaes e municipaes aproveitando as belezas especiaes com que a natureza aprouve dotar o nosso formoso paiz; e promôvam-se facilidades e conforto de hospedagem na provincia.

É já grande a obra da Sociedade Propaganda de Portugal, da Associação Protectora da Arvore, dos Serviços Florestaes do Estado e da Imprensa turista nacional.

Prosigamos com fé e entusiasmo na carreira encetada, que chegaremos por certo a vê-nos atendidos por aqueles para quem tão justa e legalmente apelamos.

JULIO MÁRIO VIANNA



EXPEDIENTE

Com a publicação do presente numero inicia a **REVISTA DE TURISMO** um novo periodo de assignatura que, como já dissémos no ultimo numero, passa a custar Esc. 1\$50 por semestre ou Esc. 3\$00 por ano, havendo portanto um pequeno augmento sobre os preços anteriores para d'alguma forma serem compensados os beneficios que introduzimos em a **REVISTA DE TURISMO** cuja publicação, no presente momento, constitue um verdadeiro «tour de force».

Confiados, pois, em que os nossos muito estimados assignan-

tes não desejarão agravar mais as multiplas despezas que oneram esta publicação, com o importante gasto na cobrança das assignaturas pelo correio, esperamos de seu alto patriotismo que nos enviem em vale postal a importancia das respectivas assignaturas; solicitando d'aqueles de quem porventura tenhamos de fazer a cobrança por intermedio do correio, que não se recusem ao pagamento immediato do correspondente recibo quando este lhe seja apresentado pelo distribuidor.

A todos, pois, os nossos sinceros agradecimentos.

A FEIRA DE LISBOA

UMA PATRIOTICA INICIATIVA

EM o nosso n.º 29, correspondente a 5 de setembro de 1917, lançámos nas colunas d'esta *Revista* a idéa de se fazer uma grande feira em Lisboa. Animou-nos essa idéa um duplo fim: proporcionar ás industrias portuguezas uma interessante exposição dos seus ricos e incomparaveis productos, e o consequente movimento de forasteiros, sempre de proveitosos resultados.

Não poude, infelizmente, a *Revista de Turismo*, pelas condições do momento e pelas suas especiaes condições de vida, proseguir na consecução d'essa idéa; isso, porém, não obstava a que esta publicação dêsse todo o apoio e o concurso moral de que podia dispôr á pratica d'esse empreendimento por quem aproveitasse o alvitre que se nos sugeriu sob o ponto de vista d'um grande proveito nacional, quando a ocasião se proporcionasse.

E dada a impossibilidade em que nos temos visto para levar a cabo a idéa que concebemos, não insistimos na sua realisação. Limitamo-nos a arquivá-la.

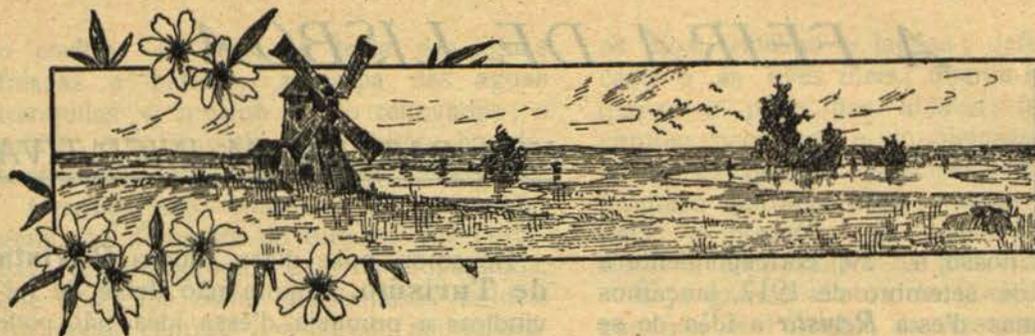
Surge, porém, ha pouco, um novo diario citadino, intitulado *A Patria*, e n'um dos seus numeros vimos lançado o projecto da realisação d'uma feira em Lisboa, cujo fim é, segundo supômos, positivamente o que tínhamos preconisado quando lançámos a publico o nosso alvitre. Isso é, para nós, motivo de grande regosijo, por assim vêrmos em realidade o que pensámos como meio proveitosissimo para a educação dos espíritos, para a propaganda das nossas industrias e para o conhecimento do nosso paiz, tanto por nacionaes como por estrangeiros, que certamente não deixarão de visitar essa feira se ela fôr bem annunciada no paiz e se no estrangeiro se lhe fizer o maior réclame.

Devemos, pois, dizer, que a **Revista de Turismo**, embora não deixe de reivindicar a primazia d'essa idéa, não pode tambem, deixar de dar todo o apoio á sua pratica, prestando-lhe todo o concurso que couber dentro das suas forças. E assim, louvando os organizadores d'esse grande e patriótico empreendimento, assegura-lhes um feliz e compensador exito aos seus esforços se eles se conduzirem no sentido de simplesmente atingirem o fim a que essa idéa visa.

A realisação da **Feira de Lisboa** ha-de, sem duvida, provocar entusiasmos tão grandes ou superiores aos que se teem já manifestado pela organização dos Congressos Regionaes, que podem muito bem constituir, em parte, um ensaio preparatorio do grande certamen projectado para a capital. Diremos mesmo que a *Feira de Lisboa* deve ser o consequente resultado da reunião dos congressos regionaes se — como é de esperar — estes não se limitarem á simples e platonica discussão de theses, mas se se aproveitar essa ocasião para que se manifestem as forças vitaes de cada região, por uma fórmula pratica e util. Assim a *Feira de Lisboa* completará a obra patriótica de resurgimento patrio que vae ser iniciada por esses congressos e realisar, além de inumeros beneficios de ordem moral, uma legitima aspiração de todos os que desejam vêr engrandecida esta Patria, tão linda, tão rica, tão boa, mas tão mal estimada e tão pouco apreciada.

No proximo numero consagraremos de novo a nossa atenção a este interessante assumpto, apreciando os alvitres já expendidos para a sua realisação.

JOSÉ LISBOA.



MONUMENTOS PORTUGUEZES

UMA VISITA A THOMAR

GENTILMENTE fui convidado pela direção da cuidada **Revista de Turismo** a escrever algo na especialidade da sua publicação. Ora como exactamente tem sido a **Arte**, sob varios aspectos, o têmea que tenho procurado singelamente tratar em publicações diversas, por isso me abalanço a escrever um ligeiro *compte-rendu*, do que foi a recente visita, feita em 10 de Junho, pela benemérita A. A. P. a Thomar, para lá admirar os belos monumentos erectos em tão feracissima região extremêna.

O portuguez *poseur* fala a miude nas belezas do *lá fóra*, muitas vezes na ignorancia, se não na inconsciencia, do que tambem de belo temos *cá dentro* em o nosso lindo Paiz: o Algarve é um jardim peréne em uma benéfica temperatura e onde Faro, Tavira e Silves tem notaveis e antigos templos; do Alemtejo basta citar como um museu de imponente arquitetura de varios estilos os famosos monumentos de Evora, não falan-

do das belas e alterosas torres de menagen dos castélos de Beja e Estremoz; as duas Beiras, quer na Guarda, quer em Vizeu, possuem magestosas Sés, de que a ultima é um admiravel museu de pintura portugueza antiga; no Douro e Minho as egrejas e capelas românicas abundam, sendo Coimbra um encantamento artistico-pitôresco; por sua vez Traz-os-Montes se não tem opulentos monumentos, tem os grandiosos aspectos alpestres dos vales gigantêscos do rio Douro e seus afluentes, isto não metendo em conta as variadissimas paysagens com que as diversas provincias portuguezas do continente e as ilhas adjacentes nos delicias o espirito.

A tudo leva, porém, a palma a encantadora Extremadura, com o seu esplendido triangulo artistico, Belem, Batalha e Thomar, ou sejam os mosteiros dos Jerónimos, de N. Senhora da Victoria e o Convento da Ordem de Christo, como se dizia antigamente; e ficam de fóra da citação: Cintra, Setubal, San-



RETAMBULO EM PEDRA NA EGREJA DE SANTA IRIA

tarem e Leiria, em que se pode dizer, como Victor Hugo, no Ernani, *j'en passe et des meilleurs*.

Ora a Associação dos Arqueólogos Portuguezes deliberou ir admirar em Thomar, n'esta temporada primaveril, a sua deliciosa paisagem e o seu famoso Convento, para o que dois illustres senhores d'aquella terra, o coronel Teixeira e o Dr. Vieira Guimarães, tudo dispozeram, para que comodidades não faltassem e pudessem decorrer, para a erudita excursão, dois dias de encantamento.

Eu tambem fui do grupo, acompanhado do meu filho Luiz, o novel architecto.

ciou á antiga cidade dos Templários; e foi, ainda, que, findos os preparativos e o almoço hoteleiro, a excursão recebeu as boas vindas nos Paços do Concelho, dadas pelo Presidente do Municipio, agradecendo em nome de todos os excursionistas o sr. D. José Pessanha, illustre presidente da A. A. P., e logo mesmo ali, na secretaria da Camara Municipal, nos foi patenteado alguns dos antigos e notaveis livros camararios com iluminuras e o foral de preciosa encadernação de veludo escarlata com escudo, esféras manuelinas, e fêchos artisticos de prata, do século XVI.



UM PASSEIO PELAS MARGENS DO RIO NABÃO

Dois representantes: do *Noticias* e do *Século* afirmava-nos que a Imprensa se associava á digressão, e para melhor, algumas senhoras das familias dos socios da A. A. P. abrilhantaram com a sua beleza e donaire, esta volta turistica.

Transportados rapidamente no comboio até Payalvo, ali uns carros *ádoc* encomendados, subindo e descendo ladeiras montesinas, depozeram-nos em pouco tempo na cidade Nabantina, rodeada de longinquos e surprehendedentes planos de uma vigorosa e variada vegetação.

Foi ao festivo estalar de numerosos foguetes que a nossa chegada se anun-

Naturalmente foi a matriz da cidade dedicada a S. João Baptista o monumento que a seguir foi visitado; que tão notavel é pelo seu admiravel pórtico ogival de transição, fins do seculo XV, e a sua elevada e elegante torre sineira, piramidal, constituindo ela só por si um precioso documento architectónico do estilo.

Seguiu-se o admirar o lindo rio Nabão, que com o volume e espelhamento das suas lustrosas aguas, nos chamava desde principio a atenção; contornando as margens, alterosos choupos, verde escuros, erguem-se para o espaço; ao contrario, desenvolvidos e curvados chorões, pen-

dendo as vergontas verde claro para o rio, espelhavam-se nas mansas aguas, que ageis passarinhos riscavam com as azas, aqui, acolá, enquanto as grandes rodas cantando, elevavam e transportavam por conductos, o humido elemento para fertilizar as ridentes veigas.

Mais uma surpresa:—em uma bela propriedade do sr. Torres Pinheiro, vêmos lindas e variadas rosas, alternando com pampanos e plantas horticulas; sendo chamada a nossa atenção para uma exuberante magnólia, que lhe emsombra e perfuma a habitação. Afinal tudo um pretexto para gentilmente os donos da casa ofertarem um copo de agua, trocando-se então mutuas saudações.

Uma joia artistica vêmos de caminho: é o retábulo renascença da Cruxificação, esculpido em pedra por João de Castilho, o famoso artista que por toda a parte ali nos prende a atenção; o retábulo enche todo o altar da capela de Santa Iria ou Iréne, a Virgem sacrificada pelo furôr de um senhor gôdo, Santa cujos despojos mortaes foram pelo Nabão e Tejo abaixo, até pararem na ribeira de Santarem, que da santinha tomou o nome.

Os dois *cicerónes* que citamos, são então incansaveis em detalharem esclarecimentos e assim todos fazem perfeita idéa ante o vetusto templo de Santa Maria dos Olivaes, do que fôra a Ordem do Templo do Santo Sepulchro e da sua preciosa intervenção em Portugal, quando aguerridamente esses templarios auxiliaram a reconquista cristã das terras que foram parte da Luzitania e agora Portugal.

A severidade e imponencia das suas trez navês, a elevação do terreno em torno do templo, indicando seculos de erosões, o seu pórtico e rosacea românica anterior e ainda mais a sua adusta torre sineira e de vigia, de base rectangular isolada na frente, a todos manifestava a sua antiguidade histórica: ninguem deixou portanto de observar n'uma das capélas lateraes, a lápide de caracteres góticos, que afirma jazerem ali os restos do grande guerreiro que foi D. Gualdim Paes, o mais notavel Mestre da Ordem dos Templários de Portugal.

Não se podia deixar de visitar depois o pouco que resta da povoação romana chamada Nabancia, de que talvez só em uma casa de um abastado dominador dos Lusitanos se vêem a descoberto os fundamentos, entre os quaes se observa um curioso mosaico de um pateo ou entrada de átrio, feito com os meudos cubos de pedra branca e preta, formando ornatos; assim todos viram, portanto, com interesse, n'uma alpendurada proxima, restos de amforas, pesos de teares, feitos de barro, e moedas romanas obliteradas, contando-nos tudo, a existencia ha mais de 2.000 anos, de uma extinta estação romana na Lusitânia.

Um episodio gracioso teve lugar n'esta altura da visita; era necessario passar uns cincoenta metros para a outra margem do lindo Nabão, para não ter que se arripiar caminho n'uma grande volta, mas dois pequenos bateis de fundo chato apareceram então, dirigidos por habéis camponezes, os quaes em várias idas e vindas passaram cuidadosamente aos dois, aos trez de cada vez, os excursionistas, com excepção das damas, sem ter havido a má sorte de se tomar um desagradavel banho no murmurôso rio. As risadas e os ditos de espirito iam saudando os *atrevidos* nautas, entre os quaes uma dama que afinal se arrojou á *travessia*.

Estava ganha a encantadora primeira jornada da excursão turistica, pois o Sol de um lindo dia ia no seu ocaso; depois na cidade, após a merecida refeição, ouviu-se pela noite no delicioso passeio da Varzea Pequena belos trechos musicaes, tocados pela banda regimental, e ainda depois alguns dos mais novos excursionistas deram umas voltas de valsa no salão da Assembleia, enquanto outros aplaudiam delicadas quintilhas e sonetos belamente recitados pelos srs. Dr. Perry Vidal e Nogueira de Brito.

Assim findou n'aquela dia a deliciosa visita, indo todos depois entregarem-se a Morfeu.

Nós dirêmos ao leitor da *Revista de Turismo*, em outro seu numero, o que foi o segundo dia de encanto.

RIBEIRO CHRISTINO.

ARTE E LITERATURA

O AVARENTO

DE JOÃO DE DEUS

*Puxando um avarento d'um pataco
Para pagar a tampa d'um buraco
Que tinha já nas abas do casaco,
Levanta os olhos, vê o ceu opaco,
Revira-os fulo e dá com um macaco
Defronte, n'uma loja de tabaco
(Que lhe fazia muito mal ao caco...)
Diz ele então,
Na força da paixão:
Ha casaco melhor que aquela péle?
Trocava o meu casaco por aquele...
E até a mim... por ele.*

*Tinha razão,
Em quanto a mim.*

*Quem não tem coração,
Quem não tem alma de satisfazer
As niquices da civilização
Homem não deve ser
Seja saguim,
Que escusa tanga, escusa langotim:
Vá para os matos
Já não sofre tratos
A calçar botas, a comprar sapatos
Viva nas tocas como os nossos ratos
E coma côcos, que são mais baratos.*

SERVIÇOS FERROVIARIOS

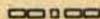
MELHORAMENTOS IMPORTANTES

DADO o enorme movimento que ha sempre, n'esta quadra do ano, dos passageiros que se destinam ás praias e thermas do nosso paiz, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, no intuito de proporcionar tanto quanto possivel a facilidade d'esses transportes, está estudando a organização d'um horario de verão, que, sem duvida, muito virá beneficiar o acesso áquelas estancias, como facilitará tambem as comunicações entre a capital e os pontos de vilegiatura nos seus suburbios.

Por esse novo horario, os comboios directos entre Lisboa e Porto que circulam atualmente sob os numeros 41 e 42, passam a ser substituidos pelos antigos rapidos n.ºs 51 e 56, com a marcha que tinham anteriormente á guerra, isto é: partindo de Lisboa pelas 8^h, 30 para chegarem ao Porto perto das duas; e sahindo d'esta cidade pelas 16 horas para chegar a Lisboa proximo das 22.

É este um consideravel beneficio e que se juntará a outros que esse horario proporcionará no sentido da facilidade e rapidez de comunicações que não só a época, como o maior movimento de forasteiros, exigem como uma necessidade imediata.

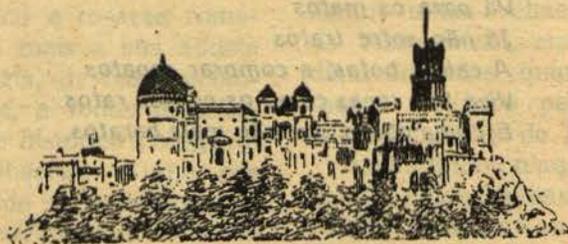
É claro que os novos serviços serão postos em vigor no 1.º d'Agosto proximo senão houver qualquer insuperavel obstaculo como seja a falta de carvão. Pensamos, todavia, que, dadas as providencias tomadas já pela Companhia Portugueza, nenhuma dificuldade se oporá á realização de tão util projecto.



Com a realização do projectado horario de verão na Companhia Portugueza, a Companhia da Beira Alta modifica tambem o seu horario de fórma a dar immediato seguimento aos passageiros que se destinem ao estrangeiro pelos rapidos do Norte.

D'esta fórma a viagem Lisboa Paris, pela via Pampilhosa—Vilar Formoso—Medina, faz-se com uma economia de onze horas no percurso, o que é consideravel não só para os turistas como para os passageiros commerciaes, que gosarão ainda de economia na despeza de transporte, visto que essa, sendo a via directa, é por consequencia a mais barata.

Muito folgamos em poder anunciar estes serviços que só redundam em beneficio das empresas e do Paiz.





A ETERNA QUESTÃO DAS ESTRADAS

UM ALVITRE PARA A SUA RESOLUÇÃO

A questão das estradas é, em Portugal, um problema que promete eternisar-se. Todos os administradores da coisa publica tem reconhecido e reconhecem sempre a sua importancia; mas nenhum dos homens que tiveram sob sua responsabilidade a gerencia da pasta por onde corre esse assumpto, nem os que maior interesse deviam ter na sua solução, conseguiram ainda resolvel'o. Apenas quando apresentam o seu programa de administração ao acharem-se investidos na cathegoria de *ministros* e quando largam contrariadamente a pasta é que fazem referencias a essa questão. No primeiro caso expondo as suas ideias, quasi sempre d'uma extravagante originalidade. No segundo caso, lamentando-se de não terem podido fazer o que tencionavam por pouca permanencia na fôfa cadeira ministerial— e... antes assim, para não se agravar mais o problema. Ora, quanto a nós, ele é de facil solução.

Dada a impossibilidade de ser resolvido pelos poderes superiores do Estado, confessada por todos os ministros que não foram capazes de o resolverem, um só caminho se apresenta e o unico viavel: — entregal-o aos cuidados de administrações provinciaes ou districtaes.

Ninguem melhor do que os proprios beneficiados pode ter maior interesse na construção, reparação e manutenção das estradas que servem as diversas provincias ou os seus districtos.

Esta é a sinthese da nossa idéa.

E assim para que alguém possa apro-

veitar o nosso alvitre, vamos fazer uma resumida exposição da forma por que a poriamos em pratica.

Todos os anos é consignada no orçamento geral do Estado, uma verba para as estradas. Se alguma vez ela tivesse sido aproveitada no fim a que era destinada, alguma cousa se teria feito. Mas, que nós consta, nunca a totalidade prevista para esse efeito, n'aquelle orçamento, teve a applicação que devia.

Isto, porem, só vem para o caso como subsidio d'elucidação...

Ora, é de crêr que essa verba, dadas as multiplas responsabilidades do orçamento, seja relativamente exigua. Em todo o caso sempre é um subsidio que, bem aproveitado, pode representar um grande beneficio. Juntando-se a essa verba um imposto camarario lançado sobre todos os vehiculos de locomoção, pode-se ter, em cada districto, a verba sufficiente para a construção e boa conservação das estradas.

Está, pois achada a primeira incognita.

A segunda vem pela natural dedução dos factos.

Se vierem a constituir-se os *nucleos regionaes*, instituição de cuja defeza esta Revista tem sido o mais extremo paladino, nem é preciso pensar-se n'outra entidade para a administração do respectivo fundo de estradas. Ela, em cada provincia ou districto, será sufficientemente idonea para semelhante encargo.

Entregue-se-lhe, pois, anualmente a parte que lhe corresponda na divisão pro-

porcional da verba orçamental e o produto do imposto camarario, e ela administrará a sua aplicação.

Sé por infelicidade nossa esses *nucleos* não se constituírem tão pronto quanto desejamos, criem-se, então, em cada provincia ou districto, as *comissões administrativas do fundo de estradas* e entregue-se-lhes as respectivas dotações.

E' claro que, em qualquer dos casos, a autonomia deve ser relativa, pois entendemos que, para evitar qualquer *má interpretação*, essa administração deve ficar subordinada á estancia technica official competente.

Para se chegar a este resultado cremos não ser preciso têr-se tirado o curso de

«*chaussées*» em Paris; porque infelizmente a nós não aconteceu isso. O que nos succede é vermos sempre as coisas fóra do circulo vicioso das paixões.

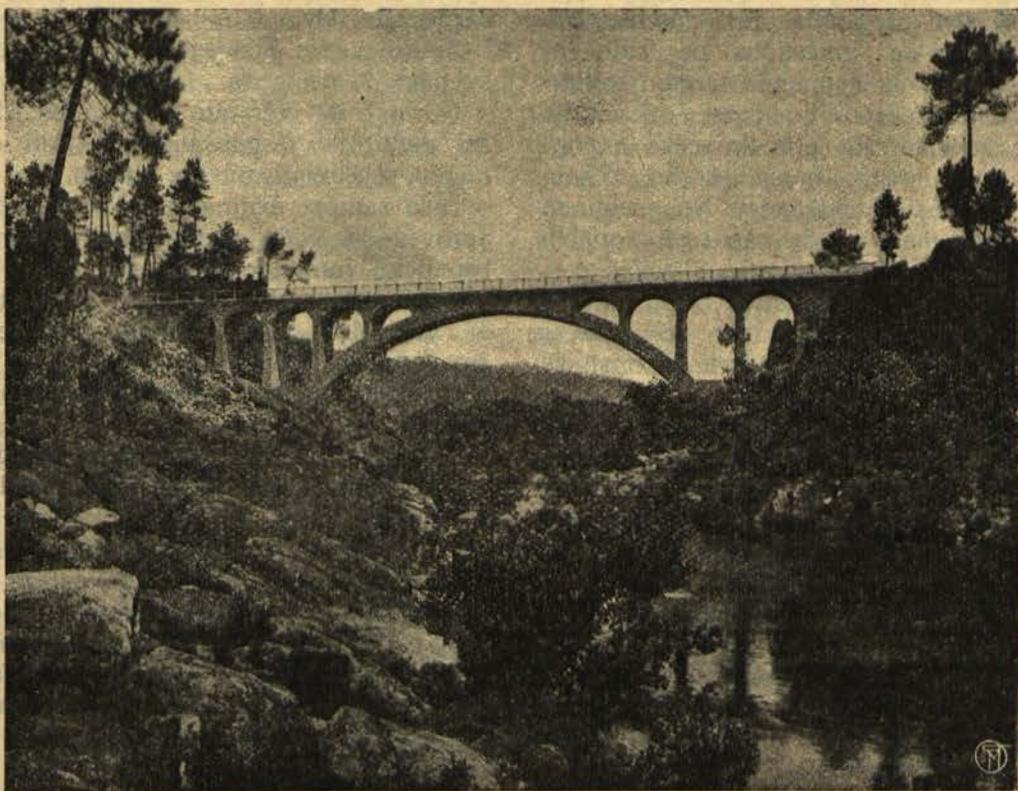
E como somos muitos latinos, não hesitamos em dizer o que pensamos e, felizmente, tarde ou cedo temos tido sempre uma confirmação lisongeira dos nossos alvitres.

Aqui fica traçada em meia duzia de linhas, a facil resolução do magno problema das estradas.

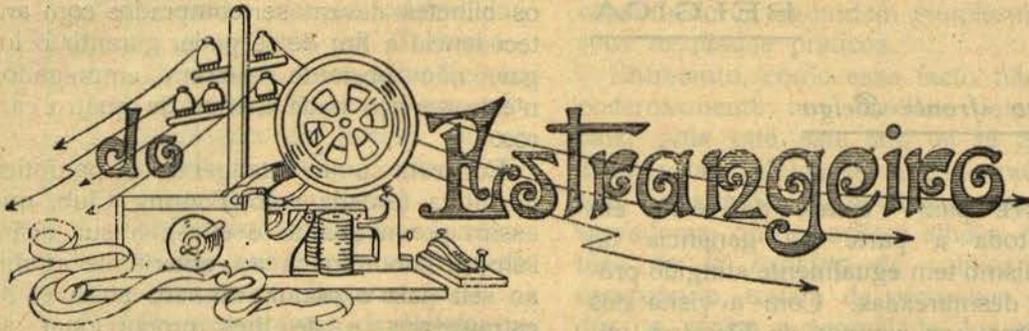
Que ela seja aproveitada é o que desejamos; o resto pouco nos importa.

JOSÉ LISBOA

S. PEDRO DO SUL



UM LINDO PANORAMA



FRANÇA

A França é, quasi sempre, a mãe das grandes idéas scientificas e artisticas e a origem dos grandes cometimentos que tem causado a admiração do Mundo pela audacia ou pela arte que representam, em todos os campos da sua vitalidade. Acresce, ainda, que a fantasia com que ela sempre adorna todas as manifestações do genio, ou a simplicidade com que muitas vezes as caracteriza, constituem poderosos elementos de atração e de sedução.

E', d'este modo, que esse grande Paiz tem conquistado as sympathias mundiaes. Elas representam uma justa compensação ao seu continuo labôr, que a França procura intensificar até o ponto de ser a primeira entre todas as nações do globo.

Do seu abundante brotar de idéas, uma acaba de ser lançada de novo e de tomar vulto: é a da constituição d'um «museu de locomoção».

Original idéa! Interessante pensamento!

A França — pode dizer-se — é a nação onde tem nascido todas as formas da humanidade se fazer transportar. A locomotiva terrestre, a bicyclete, os patins, o automovel, o avião, emfim, toda a sorte de recursos para a condução de pessoas e das coisas, tem tido a sua origem nos espiritos francezes, que, em sucessivas experiencias, tem conseguido fornecel-as ao mundo sob a pratica da sua utilização.

Não houve, porem, ainda, quem levasse por deante a idéa de se arquivar methodicamente n'uma justa sequencia historica, todos os originaes nascidos n'esse paiz, taes como os preciosos coches reaes, as

cadeirinhas, as grandes carruagens malapostas e as do celebre fabricante Daumont, as berlindas, os carros de viagem, os breacks de caça, as *roulottes*, os luxuosos carros de passeios até os modernos autos, que se acham dispersos em toda a nação sem o interesse que causa o conjunto bem ordenado, relacionado e instructivo.

Ora a constituição do *museu de locomoções* vem precisamente realizar o pensamento de se concentrar n'um lugar unico, sob o triplo ponto de vista: historico, tecnico e artistico, tudo quanto a respeito d'esta manifestação do genio francez, liga o passado ao presente; realizando d'uma maneira completa e methodica, a synthese de todos os meios de transporte inventados n'esse Paiz.

Não é primeira vez que se pensa em tal; e já em diversas ocasiões se tem sugerido a realisação d'essa idéa. Porem, a falta de persistencia e de propaganda tem sido a razão do esquecimento a que foi votada a constituição d'esse interessante muzeu, que representará para a França um valioso arquivo.

Parece, porem, que d'esta vez a idéa se radicará, pois na sua execução estão empenhadas entidades da mais alta situação, entre os quaes o Touring-Club de França se apresenta á cabeça.

E', pois, muito para desejar a rapida instituição d'esse muzeu, que certamente será um facto dentro de pouco tempo, visto que o movimento que se manifesta n'esse sentido assegura um bom exito da causa.

Ele constituirá, tambem mais um motivo de interesse para os estrangeiros e os prenderá por mais tempo á terra d'essa grande nação.

BELGICAVisita ao «front» Belga

N'ESTE paiz — como, de resto, em toda a parte — a ganancia do mercantilismo tem igualmente atingido proporções desmarcadas. Com a visita dos estrangeiros aos campos de Flandres onde o heroico exercito belga fez frente á investida alemã creou-se uma verdadeira exploração, ultrapassando todos os limites razoaveis. Essa exploração chegou ao ponto de obrigar muito turista a desistir dos seus desejos, tão exagerado era o preço pedido pelos conductores dos vehiculos, pelo circuito Ostende «front» e volta ao ponto de partida.

Para pôr um termo a essa anormalidade o Touring Club da Belgica organisou um serviço de carros automoveis, com tejadilho, de maneira a poder-se admirar pelos lados os efeitos produzidos pela grande hecatombe que principalmente assolou este pequeno mas belo Paiz.

Estes carros podem comportar até 27 pessoas, e o custo da viagem importa em 37 frs. e 50 cada pessoa.

Por esta forma, os visitantes são comodamente transportados desde Ostende a Middelkerke, Westende, Lombartzyde, Nienport, Ramscapelle, á região das principaes e propositadas inundações, a Perwyse, Caeskerke, Dixmude, Woumen, Steenstraete, Boesinghe, Ypres, St. Julien, cemiterio do «tanks», Poelcapelle, atravessando a celebre floresta de Houthulst, Clerken, Essen, Vladsloo, Couckelaere, —Lengenboom onde estive um dos grandes canhões alemães de 380 mm., Moere, regressando-se a Ostende.

A partida faz-se todos os dias d'esta ultima vila, ás 8,45, estando-se de volta a 7 horas da tarde, ou sejam 19, pelo novo horario.

Os bilhetes para esta excursão vendem-se em Bruxellas, na séde do T. C. B. e em Ostende.

Como a concorrência tem sido enorme,

os bilhetes devem ser comprados com antecedencia a fim de se poder garantir o lugar, não obstante estarem empregados n'este serviço nada menos de quatro carros.

Foi esta uma inteligente e patriótica iniciativa tomada pelo Touring Club, que assim prova quanto é eficaz a sua ação, sempre subordinada ao criterio de atrahir ao seu paiz o maior numero possível de estrangeiros e de lhes proporcionar as comodidades relativas ás bolsas de cada um.

As subsistencias

Cá e là mais fadas ha — diz o vulgo, desde tempos imemoriaes.

Assim, a crise das subsistencias é aqui tambem um facto positivo e de grossos e arreliantes embaraços. Tudo falta. Em compensação cada um procura substituir pela melhor forma aquilo cuja carencia lhe é mais manifesta.

Um dos productos de que mais se tem sentido a falta é a carne chamada de *vaca*. Ora alguem, lembrando-se dos recursos que, segundo a historia, em tempos tiveram applicação, alvitrou que, em seu lugar, se adoptasse o uso da carne da baleia, cujo poder nutritivo não é inferior ao da vaca.

Não é nossa intenção fazer uma noticia descriptiva da vida d'estes grandes habitantes da região liquida; todavia não podemos deixar de mencionar que, ahí pela idade média, a respectiva carne teve enorme consumo na Flandres e no oeste da França, chegando mesmo a ser servida n'alguns restaurantes de Paris.

A pesca da baleia, principalmente nas costas da Noruega, conta-se desde o ano 860, quando ainda o azeite e o vinagre para o seu tempero, não se vendiam nas «tendas», Apezar, porém da sua antiguidade, a carne d'esse animal aquatico nunca desmereceu do conceito dos animaes terrestres, que, agora, mais uma vez a foram procurar para suprir as suas necessidades.

Devemos, porém, dizer, que sempre se

pescou baleia, depois que no celebre ano de 860 ela foi descoberta por Ohthere — que foi um marinheiro... e pêras (como se diz agora em Lisboa); mas a sua aplicação, no interregno da fartura de comestíveis, foi limitada, como producto alimenticio, á exportação em latas.

Hoje, a baleia assentou arraiaes, podendo mesmo dizer-se que com a notoriedade precisa para se aclamar *imperatriz*.

Nos grandes restaurantes da Belgica e n'algum de Paris já faz parte dos «menús» o delicioso prato intitulado pomposamente de *fillets de baleine aux*. A companhia é á vontade do freguez.

ITALIA

O desenvolvimento do turismo em Italia continua a ser a preocupação constante dos que, isolando-se absolutamente das questões politicas e sociaes, no seu todo intrinseco, apenas se occupam d'estas pelo prisma da sua influencia na atração dos estrangeiros ao seu paiz, que não pode fazer-se emquanto a ordem social não fôr um facto.

Todos os elementos de vida, toda a actividade que póde ser aplicada nas questões propriamente administrativas sob o ponto de vista do engrandecimento patrio especialmente pelo progresso das viagens em Italia, não esmorecem ante a efervescencia social que tende a illusorias aspirações e a ephemeras utopias.

Parece que, fora d'esse campo de ruins e inconsistentes paixões páira uma sã philosophia, adequada tão propriamente ao momento que vive muito distante do circulo vicioso, anti-patriotico e infeliz das paixões politicas.

É sob este aspecto que se pode admirar a insistencia, a persistente tenacidade dos que se impuzeram a reconstituição d'essa patria de Dante, onde o gesto já historico de Danunzio não teve mais efeito, pelo lado patriotico, do que a pratica d'uma reivindicação preconcebida. Aceitaram-no naturalmente como um facto

consumado e aguardam simplesmente os seus resultados praticos.

Entretanto, como esse facto não influe poderosamente nos destinos internos do paiz, pois que este tem de se governar mais pelas influencias administrativas do que pelos politicos, as forças viciaes conservadoras, que se acham alheias ás questões de *lã caprina* da politica suja de campanario, tratam de promover por todos os meios a serenidade dos espiritos, a intensificação do amor patrio e a boa cultura de todas as suas manifestações que, sem duvida alguma, proporcionar-lhe-hão um futuro mais prospero e risonho sobre as bases consistentes em que, como bons obreiros que são, estão erguendo o grandioso castelo do seu ideal.

Entre essas manifestações, destaca-se, como a mais interessante para o nosso ponto de vista, a que se refere ao turismo — industria tão bem apreciada n'este paiz e onde a sua enorme complexidade tem sido desvendada com o entusiasmo da curiosidade de se conhecer as mais complicadas questões em todos os seus meandros. A este respeito justo é citar a ação continua que tem sido inteligentemente desempenhada pelo Touring Club Italiano, procurando por todas as formas desviar do campo vicioso da politica, para a obra salutar da sua infatigavel actividade, todos os concursos necessarios á efectivação do seu grandioso programa cuja synthese se cifra no resurgimento patrio.

Como não ha de vingar tão sublime idéa se os seus apostolos estão cheios da mais fervorosa fé?!

É por isso que os efeitos da sua ação se multiplicam; e a cada passo, essa indomavel força de que estão possuidos os mais audazes campeões do turismo italiano encontra alento nas victorias que alcança, refrigera-se em novos incentivos em outras vontades que sahem da indiferença onde apenas eram retidas pela falta d'uma nobre condução.

D'esta forma pode afeitamente dizer-se que o turismo em Italia ha de ser um terrivel competidor da industria das via-

gens em França, não porque se procure fazer uma concorrência desleal, mas por uma habilidosa e verdadeira propaganda de toda a bela península italiana onde a arte, os encantos e as preciosidades brotam espontaneamente e surjem como se uma força onipotente as creasse sem cessar.



Devemos em boa verdade dizer que não é intento da Italia desviar as correntes de forasteiros internacionaes. Este paiz procura simplesmente no seu mais legitimo direito, valorisar a sua terra, as suas riquezas — que tantas teem e das melhores.

N'este sentido é que está sendo ordenada toda a ação de propaganda, para o que ela se serve dos meios mais efficazes. Entre esses conta este paiz como de mais seguros resultados, os que pomos em destaque, afim de se avaliar bem qual é o grau do conhecimento das coisas. A reconstituição do corpo consular é um d'esses meios considerado como primacial para a importação do estrangeiro e n'essa importante questão o T. C. I. empenha os seus melhores esforços pois considera que os postos consulares são de capital importancia para o complemento da sua benefica ação.

A propaganda por meio de monogra-

fias, de publicações geraes ilustradas e escriptas em todas as linguas, a distribuição constante de mapas geographicos e chorographicos da Italia com sumaria descripção de todos os seus interessantes pontos de turismo e de vilegiatura, a divulgação, por meio de agentes especiaes, espalhados por todo o Mundo, em jornaes e revistas estrangeiras, das comodidades, vantagens e encantos que oferecem as viagens n'este paiz; os postos d'informação e o persistente réclame feito pelas formas mais surprehendedentes, são os recursos postos em prática com a mais criteriosa orientação. Junte-se a isto a ação interna, sob o ponto de vista instructivo, patriotico e de fiscalisação e reconstituição, de ordenamento do existente e de incitamento para novos cometimentos; e tem-se a idéa clara do que é essa grandiosa obra a que os homens do resurgimento italiano se estão abalançando com inexcedivel dedicação.

N'uma proxima chronica alongaremos a nossa descripção aos diversos ramos em que essa ação está sendo desenvolvida pois enthusiasma vêr como ali se pratica sob a mais patriotica idéa ao desenvolvimento do turismo.

E possivel é que esse enthusiasmo se contamine ás energias que em Portugal podem fazer alguma coisa de util n'esse sentido.

REVISTA DE TURISMO

Condições de assignatura

PORTUGAL (Continente)		COLONIAS	
Semestre	Esc. 1\$50	Ano	Esc. 4\$50
Ano	» 3\$00	EXTRANGEIRO	
		Ano	Esc. 6\$00

NUMERO AVULSO \$30 (300 réis)